

ENCRUZILHADAS EPISTÊMICAS: INTERSECCIONALIDADES EM DEBATE II

EPSTEMIC CROSSROADS: INTERSECCIONALITIES UNDER DEBATE II
ENCRUCIJADAS EPISTÉMICAS: INTERSECCIONALIDADES EN DEBATE II

Jorge Luiz da Silva Alves¹
Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto²

Estou farta de preencher suas lacunas
Farta de ser seu seguro contra
A isolação de suas autoimpostas limitações
Farta de ser a louca nos jantares do fim de ano
Farta de ser a estranha nos almoços de domingo
Farta de ser a única amiga negra de 34 pessoas brancas
Encontre outra conexão para o resto do mundo
Encontre algo mais para te legitimar
Encontre outra forma de ser político e descolado
Eu não vou ser a ponte para sua feminilidade
Sua masculinidade
Sua humanidade³

— Donna Kate Rushin (1981)

.....

1. Mestranda em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em História pela Universidade Federal de Goiás. É cofundadora do ANÔMALOS – Grupo de pesquisas e estudos em gênero, sexualidades, classe e etnicidades/raça vinculado à Universidade Federal de Catalão. É membra do IEG/UFSC – Instituto de Estudos de Gênero. Atualmente a pesquisadora tem se aprofundado nos debates em torno da Teoria queer, aplicativos de pegação, homonormatividades, História Global e queer marxismo. E-mail: jorgeluzdasilvaalves@gmail.com
2. Doutorando em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. É cofundador do ANÔMALOS – Grupo de pesquisas e estudos em gênero, sexualidades, classe e etnicidades/raça vinculado à Universidade Federal de Catalão. Atualmente realiza pesquisa sobre movimentos homossexuais de primeira onda na América Latina e a formação da nova homonormatividade. rhaniellypereira@hotmail.com
3. Tradução nossa.

Nos encontramos em um processo complexo de caracterização e revisão dos instrumentos que compõem a caixa de ferramentas nas mais distintas áreas da humanidade. A interseccionalidade, como já dissemos na apresentação do primeiro número desta revista, é este movimento de refletir e desterritorializar. A segunda parte de nosso dossiê estabelece a necessidade de se pensar as alianças, os desafios e a capacidade de construir pontes a partir das sujeitas e sujeitos atravessados pela potência e também pelas problemáticas que recortam a opressão interseccional.

Este dossiê surge na medida em que são observados os esforços violentos de manutenção de estruturas já empoeiradas, colocadas como irremediavelmente consolidadas. O que as autoras e autores desta segunda parte de nosso dossiê representam é, exatamente, o refutar da generalização e das formações dominantes sobre a ação, a transformação e a observação do mundo. Neste sentido a “interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal” (Carla AKOTIRENE, 2019, p.20).

O panorama aberto por esta categoria e também abordagem nos permite desatar alguns nós que vez ou outra aparecem em nossas escritas. Ao descortinar as vivências das mulheres negras como nos coloca Akotirene, a interseccionalidade também permite um descortinar das experiências de outras sujeitas localizadas não só à margem, como também para além dela.

Deste modo, construir o ponto de vista e de ação política interseccional é, ao mesmo tempo interrogar à outridade e também a si mesma. O processo de elaborar a pergunta é visto aqui como um exame de destruição e reconstrução dos saberes. Entendendo que estes últimos são, não apenas construídos, como também afetados por jogos de poder que ultrapassam as formas mais óbvias da visibilidade política como já demonstrou Donna Haraway (2009).

O que se coloca aqui como o outro é um jogo discursivo de desmobilização das narrativas já constituídas em um jogo dialético como hegemônicas. Seja a construção de uma normativa quanto às sexualidades, o gênero, a raça e até o ponto de partida no qual a ciência se cristaliza. Nestes termos, as narrativas compostas neste dossiê são produzidas a partir de uma análise que se coloca como contra a corrente neoliberal que assola os nossos dias. Aqui, o que está em jogo é uma esquematização sobre como as regras deste jogo funcionam e quais são as sujeitas, sujeitos e sujeites que mobilizam

uma resistência implacável aos processos de docilização e disciplinarização do ser, saber e poder como bem desenvolveu Aníbal Quijano (2009).

Não havendo a possibilidade de efetuar uma distribuição mais igualitária da violência, como já discutimos a partir do trabalho de Jota Mombaça (2021) na primeira parte deste dossiê na primeira edição desta revista. Resta a nós um processo de eleição e atuação política que não apenas revela os processos que limitam a nossa capacidade de estar vivas como ampliam as possibilidades de construção de um futuro que não só expande um horizonte de expectativa⁴ como um processo de combate ao tempo do capital como também reorienta a atuação política, científica e epistêmica para a gestão de um mundo em que sonhos se tornem possíveis outra vez.

Deste modo a interseccionalidade é ferramenta e ao mesmo tempo o exercício cognitivo de se fazer ouvir, ver e entender a multiplicidade e complexidade das formas de opressão. Muitas intelectuais têm se desdobrado em uma tarefa árdua de reconhecer a necessidade da ampliação dos esforços analíticos provenientes do ato interseccional. Sem sombra de dúvidas, este é um avanço que viabiliza a quebra entre formulações já insustentáveis na academia.

Iniciando os trabalhos da segunda parte deste dossiê, Jean Baptista nos presenteia com o texto *Queer Indigenous Studies: ou como “deixei” de ser indígena para ser gay*, uma reflexão crítica que mescla indagações pessoais com pontos levantados acerca do projeto “Entre o Arco e o Cesto”. Demonstrando que o pessoal é político, o autor reflete sobre questões ligadas à sua sexualidade e etnicidade, ao passo que nos apresenta o projeto referido e discute questões teórico-metodológicas e práticas ligadas ao projeto, ao mesmo tempo que delinea as principais características da abordagem *Queer Indigenous Studies*.

Já no segundo texto, *Interseccionalidades impressas: mulheres letradas e escravidão na corte do Rio de Janeiro de meados do oitocentos*, Isadora de Mélo Escarrone Costa nos apresenta textos da imprensa carioca escritos por mulheres letradas que participaram da construção do ideal civilizacional inspirado no modelo europeu e instalado no Brasil em meados do século XIX. O *Jornal da Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) é analisado a partir de sua especificidade em possuir apenas redatoras mulheres. A autora nos leva

.....

4. O que estamos definindo aqui como horizonte de expectativa, obedece a formulação de Reinhart Koselleck na qual o horizonte de expectativa é sentido, também, como uma categoria meta-histórica e antropológica de fazer sentir a potência e a possibilidade do futuro. Ver Koselleck 2014.

pelas relações de tensões e interações construídas entre as mulheres do periódico, destacando a participação de Santos, um cativo guarda-portão, que passou a ser um dos informantes de uma das colaboradoras do periódico. Assim a autora analisa tais relações a partir do contexto escravista, por meio das chaves teórico-metodológicas do gênero e das interseccionalidades.

Esta contribuição permite ampliar as reflexões acerca do contexto escravista de meados do século XIX, promovendo uma análise rica a partir das categorias gênero e interseccionalidades. A produção nesse sentido, promove algo que é intrínseco ao trabalho das historiadoras, a reparação histórica a partir de outras leituras, chaves de análise e inserção de sujeitas esquecidas na malha do tempo. É a partir dos debates mais recentes sobre reparação histórica e história pública, que Janaína Ferreira dos Santos da Silva constrói a sua contribuição.

Em seu texto *Os monumentos em homenagem aos bandeirantes em Goiânia: o (s) passado (s) goiano (s)*, Janaína Ferreira dos Santos da Silva arquiteta sua análise a partir das problematizações recentes em torno das narrativas construídas em monumentos. Apontando divergências entre as histórias públicas e os interesses populares, a autora parte dos debates realizados a respeito do monumento do bandeirante Borba Gato, para discutir as contestações e defesas que circundam as disputas pelo passado goiano a partir de políticas de memória.

Já em *Masculinidades no contrabando a partir do filme El Baño del Papa*, Hariagi Borba Nunes edifica sua contribuição a partir dos conceitos de masculinidade hegemônica e masculinidade subalterna, analisando a construção de masculinidades no contrabando a partir das dinâmicas apresentadas no filme *El Baño del Papa*. A partir das categorias gênero e interseccionalidades, a autora constrói seu argumento relacionando masculinidades, contrabando e negócio.

Fechando o nosso segundo volume, Mariana Silva Rodrigues nos contempla com o texto *Século XIX, a escrita feminina em jornais, suas transformações e perspectivas... Como o conto de Maria Lúcia indica isso?* A autora analisa a escrita metafórica de Maria Lúcia Romariz a partir de um conto publicado em 1888 em São Paulo. Ponderando sobre o crescimento da escrita feminina nos jornais das províncias brasileiras, a autora discute as transformações sociais e seu impacto no cenário da escrita feminina do final do século XIX, interseccionando as categorias gênero e classe.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Editora Cobogo, 2021.

KATE RUSHIN, Donna. *The Bridge Poem* | *Donna Kate Rushin (1981)*. Disponível em: <https://www.historyisaweapon.com/defcon1/thebridgepoem.html>. Acesso em 12 de out. 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boa Ventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009, p.73-117.